


Artigo original

## “Ô mãe olha como me olham”: inquérito policial tenta criminalizar pixações em empena “Deus é Mãe” no centro de Belo Horizonte. O que diz o negrodramapoesia?

*“Oh mom look at the way they look at me”: police inquiry trying to criminalize pixações on the “god is mother” wall in the center of Belo Horizonte. What does negrodramapoesia say?*


*“Mamá mira como me miran”: investigación policial intenta criminalizar las pixações en el muro “Dios es Madre” en el centro de Belo Horizonte. ¿Qué dice la negrodramapoesía?*

Ludmilla Zago Andrade<sup>1\*</sup> 

**Citação:** ANDRADE, Ludmilla Zago. “Ô mãe olha como me olham”: inquérito policial tenta criminalizar pixações em empena “Deus é mãe” no centro de Belo Horizonte. O que diz negrodramapoesia? **Revista Triângulo**, Uberaba, v. 19, n. Esp.1, p. e026003. DOI: 10.18554/rt.v19iEsp.1.7882.

**Recebido:** 23 ago. 2024  
**Aceito:** 27 dez. 2024  
**Publicado:** 08 jun. 2026



1. Universidade Federal de Minas Gerais , Belo Horizonte (MG), Brasil. \*Autor correspondente: [zagoludi@gmail.com](mailto:zagoludi@gmail.com).

**Resumo:** O texto apresenta o embrolho envolvendo a tela “Deus é mãe”, do artista Robinho Santana, feita no contexto do festival de arte pública CURA, em BH, em 2021, que foi pintada em empena no centro da cidade de Belo Horizonte e tem pixos numa espécie de moldura da pintura de uma mulher negra com uma criança nos braços e outra levada pela mão. Foi aberto, por conta da presença do pixo na tela, um inquérito policial na tentativa de criminalizar o artista, o festival e os pixadores. Para pensar no racismo institucional dessa tentativa de criminalização, percorreremos o texto de Neusa Santos Souza e de Freud, quando fala acerca do mal-estar na cultura. O rap Negro Drama, dos Racionais MCs, é a chave de leitura tanto da empena, quando das pixações, quanto da defesa e desse texto. O negro drama, lido com o texto de Maria Gabriella Lansol “Onde vais, drama poesia?”, nos diz do pixo como escrita, como negrodramapoesia, muito distante do texto policial, que é punitivista e racista.

**Palavras-chave:** Pixação. Arte. Polícia. Racismo. Negrodramapoesia.

**Abstract:** The text presents the conflict involving the canvas “Deus é Mãe”, by the artist Robinho Santana, made in the context of the public art festival CURA, in BH, in 2021, which was painted on a lateral building wall in the center of the city of Belo Horizonte and has graffiti in a kind of frame of a painting of a black woman with a child in her arms and another carried by her hand. Due to the presence of the pixo on the screen, a police investigation was opened in an attempt to criminalize the artist, the festival and the pixadores. To think about the institutional racism of this attempt at criminalization, we will go through the text by Neusa Santos Souza and Freud, when he talks about the malaise in culture. The rap Negro Drama, by Racionais MCs, is the key to reading both the canvas, the graffiti, the defense and this text. The black drama, read with the text by Maria Gabriella Lansol “Where are you going, drama poetry?”, tells us about pixo as writing, as

black dramapoesia, very far from the detective text, which is punitive and racist.

**Keywords:** Pixação. Art. Police. Racism. Blackdramapodem.

**Resumen:** El texto presenta el conflicto que involucra la pintura “Deus é Mãe”, del artista Robinho Santana, realizado en el contexto del festival de arte público CURA, en BH, en 2021, pintado sobre una pared lateral de un edificio en el centro de la ciudad de Belo Horizonte con grafitis en una especie de marco de un cuadro de una mujer negra con un niño en brazos y otro llevado en la mano. Debido a la presencia del pixo en la pared, se abrió una investigación policial en un intento de criminalizar al artista, al festival y a los pixadores. Para pensar el racismo institucional de este intento de criminalización, repasaremos el texto de Neusa Santos Souza y Freud, cuando habla del malestar en la cultura. El rap Negro Drama, de Racionais MCs, es la clave para leer tanto la pared, el grafiti, la defensa y este texto. El drama negro, leído con el texto de Maria Gabriella Lansol “¿Adónde vas, poesía dramática?”, nos habla del pixo como escritura, como dramapoesía negra, muy alejada del texto detectivesco, punitivo y racista.

**Palabras clave:** Pixação. Arte. Policía. Racismo. Negrodramapoesía.

## 1. Introdução

Não se ensina nas escolas que as instituições confrontam a cor dos autores de qualquer arte, ainda mais se a arte, se a expressão for muito associada à periferia. Não se ensina que há um ideal moral, estético, e que a polícia responde a ele, tentando homogeneizar a cidade de modo a tirar o que estiver esteticamente associado à periferia da paisagem urbana. Por isso, talvez se possa pensar que belo é o que vem dos locais mais nobres, com expressões que não sejam tão voltadas à realidade cotidiana ou à crítica da mesma. Esse texto pretende comentar e questionar isso.

Vamos tratar aqui da polêmica em torno do mural pintado em 2021, pelo artista Robinho Santana, durante o Festival CURA, realizado em BH. Abordaremos a tentativa de criminalização da empena, que é a parte sem janelas, o muro cego da construção, que geralmente é cinza e lisa. Foi aberto inquérito policial pela Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, numa tentativa de criminalização, alegado crime ambiental, com apoio de parte de moradores do prédio que foi pintado, por causa da moldura com letras de pixo<sup>1</sup>.

Nossa discussão será apoiada por matéria da Folha de São Paulo, que relatou o citado entrevero causado pela moldura com pixações na empena, que inclusive citam trecho de rap do mineiro Djonga, “Música da mãe”: “ô mãe, olha como me olham”. A citação é bem sugestiva, já que o olhar para o pixo mobiliza o inquérito, e é o ponto central da discussão desse artigo.

São algumas contradições. A representação incômoda foi proposta por um festival de arte pública, e o que fura essa representação é o pixo. Ele é o furo. Com a citação de Djonga, o pixo aponta que o modo de olhar para suas letras é diferente, é racista, e visa apagá-lo. No entanto, podemos pensar que está na própria representação um furo, a mãe preta é um problema, mas é o pixo o acusado, a moldura do furo, o próprio furo.

Percorreremos alguns pontos para tratar desse assunto: a tentativa recorrente de criminalização da pixação e de todos os que estão próximos dela, o ideal civilizatório branco que se pode

depreender desse impulso punitivista; o Negro Drama, nome do rap escrito por Edi Rock e lançado no álbum “Nada como um dia após o outro dia”, de 2002, pelos Racionais MC’s, que nomeia uma realidade e um efeito, desdobrado em diversas construções e vivências nas cidades brasileiras. Para pensar o pixo como escrito, como negrodramapoesia, vamos considerar o texto de Maria Gabriela Llansol “Onde vais, drama-poesia?”. Pensaremos o ideal civilizatório a partir de Freud, no texto “O mal-estar da cultura”, e em como esse ideal é branco da cultura a partir de Neusa Santos Souza, no livro Tornar-se Negro, a partir de considerações importantes sobre o racismo.

Assim, refletiremos sobre a interpretação criminalizante diante dessa escrita periférica e negra, e sobre como a leitura policial pode ser tomada como racismo estético e institucional. O que faz dessas letras, alvo tão certo da polícia? É possível ampliar a leitura e a significação delas, para além da que é dada pelo poder público através de outras leituras? Como pensar o Negro Drama em todo esse contexto? Qual a relação entre o Negro Drama e o pixo? Como percorreremos a idéia de que o pixo é escrita? Qual a relação entre o racismo e o princípio norteador da estética urbana? São esses, alguns dos questionamentos que norteiam nossa reflexão.

A consideração aqui proposta configura tema importante a ser abordado na Revista Triângulo, pois iremos considerar a recepção ou leitura das pixações que emolduram a empena Deus é mãe, em um Festival de arte pública e a tendência do poder público, da polícia a lê-lo apenas pelo viés do crime, do que deve ser reprimido e punido. Percorreremos algumas idéias que levam a outras visadas e interpretações e que indicam como se comporta, tantas vezes, a instituição policial belorizontina, em sua relação com a estética preta e periférica, sendo racista em sua visada moral e estética.

A discussão tem relevância já que a Revista tem como tema central as pedagogias periféricas, conceito que se refere à localização geográfica, mas também à posição social, à produção cultural. O conceito de pedagogia periférica é um desdobramento histórico do que foi chamado, no início desse século, de cultura marginal. Outro aspecto desse conceito ao qual esse artigo, seu tema, foco e discussão se referem, é de que, para ser considerada uma pedagogia periférica, uma expressão necessita escapar à subalternização dos saberes e estar distante do julgo institucional. Vamos aqui, entre o mural, o grafitti, o pixo, o rap, uma distância abissal da leitura policial. O pixo, margem, moldura do Negro Drama brasileiro de tantos lugares, de tanto tempo.

Vamos tomar como eixo metodológico que une todas as escritas, expressões aqui mencionadas, excetuando a do inquérito policial, o rap dos Racionais MC’s, Negro Drama. Observaremos nessas expressões a pregnância do que os Racionais MC’s escrevem como Negro Drama: uma história real, uma história vivida que carrega em si um universal, um contexto partilhado por muitas vidas em uma realidade brasileira que muitos simplesmente tentam criminalizar, como tentativa de mantê-la às margens da cidade, em lugar onde o racismo e a desigualdade social programaram como sendo o único lugar que lhes cabe.

Esse é o eixo de leitura desse texto, efeito da transmissão dos estilhaços do rap, do negro drama, que se revelam nesse artigo, na empena e no quadro feito pelo artista Robinho Santana na empena no centro da cidade de Belo Horizonte, nos pixos, na letra do rapper Djonga, citado pelos pixadores. Como veremos mais adiante, também está no texto da defesa elaborado para o Ministério Público solicitando a suspensão do inquérito. Todos frutos do Negro Drama, todos negrodrama. Cada um desses textos o expõe, como se o reescrevessem, cada um a seu modo, atravessados por ele. Todos, como leitores do Negro Drama, todas escritas também efeito de sua disseminação.

Figura 1: Mural Robinho Santana



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O que vemos na empena, no mural do Robinho Santana: uma mulher preta, com seus filhos. Muitas cores em seus trajes simples. Uma mulher que leva seus filhos, dá colo e suporte a eles sozinha.

Ela dá a mão para um, dá colo a outro. Ninguém oferece a ela suporte. “Deus é mãe” traz em si uma história individual, de Robinho Santana, que é vivida por muitas vidas no Brasil. O pixo pede que a mãe repare em como é o olhar para ele, na contraposição com a mão dada, o colo. É o desamparo do sujeito preto, é o abandono que a criminalização representa, e a retirada, a expulsão para a margem de todos que estão ali representados, inclusive o ponto escuro, opaco, marginal que é o pixo. A música dos Racionais MC’s narra o Negro Drama, que está na tela:

Uma negra e uma criança nos braços  
Solitária na floresta de concreto  
E aço

Veja!  
Olha outra vez  
O rosto na multidão  
A multidão é um monstro sem rosto e coração.

O negro drama é um rap que foi escrito por Edy Rock, a pedido do Mano Brown. Segundo ele, uma música para tocar pretos e brancos, para fazer pensar. A realidade de uma mulher com seus filhos no meio da cidade é extremamente comum no nosso país. Diante da multidão, a solidão e o desamparo:

Negro Drama  
Entre o sucesso e a lama,  
Dinheiro, problemas,  
Invejas, luxo, fama.

Negro drama  
Cabelo crespo,  
E a pele escura,  
A ferida, a chaga,  
À procura da cura.

Negro drama,  
Tenta vê,  
E não vê nada,  
A não ser uma estrela  
Longe meio ofuscada.

Sente o drama,  
O preço, a cobrança,  
No amor, no ódio,  
A insana vingança.

Cidades brasileiras mal cuidam de mães sozinhas, com seus filhos no colo, sem pai que apoie, sem sociedade que respalde. A luz no fim do túnel está ofuscada, as esperanças são poucas. Uma programação social impõe um destino conhecido, de pouca vida e envolvimento no crime que o leve, aos

filhos dessas mães, rapidamente. Uma vingança diante do crime de não poder existir, de ter a cor que tem, de ser pobre. É desse mesmo lugar, de onde vem a mãe preta e sozinha, que cria seus filhos no meio da cidade, que vem a pixação.

Podemos indagar aqui: se a tela tivesse outro desenho, que não fosse a mãe preta, e seus filhos pretos, e essa realidade, para tantos, desagradável, para muitos outros, a realidade que resta, esse trabalho incomodaria? O pixo ainda como moldura, soma-se a essa verdade, deixada ali, colorida, mas pouco edulcorada, ou disfarçada. Podemos pensar se o ódio ao pobre, a misoginia, o racismo, incitados por todo o quadro, não incidem, no inquérito, sobre o pixo, como representação do negro drama, da estética periférica que também é cultura, saber, escrita, cultura. O pixo é a moldura, mas tudo ali, todo o drama negro, feminino, periférico e urbano incomoda. É desse negro drama que vem o pixo, é aí que ele surge, na maioria das vezes.

Sobre essa escrita incômoda, rejeitada, que emoldura a empena, cita um rap e com a qual o poder lida de modo a segregar, retomamos Maria Gabriela Llansol, em seu “Onde vais, drama-poesia?”, para pensar o pixo como uma escrita, e perguntar junto com a autora por onde vai esse negro drama-poesia, quais caminhos sua elaboração percorre, pela leitura e letra de Llansol, que convidamos para ler conosco o pixo, e a partir do que localizamos o pixo como negrodramapoesia. A pixação, furo, mas também transbordamento do drama, um mais além que contém em si uma tentativa de saída do anonimato. O pixador é o autor que insiste na marca da singularidade, insistente, ruidosa, na tentativa de furo da empena, do muro, da homogeneidade imposta pelo padrão estético urbano.

Sobre a escrita pixadora, expurgada ao lugar de indesejável e marginal, encontramos o texto llansoliano, que nos faz então perguntar pelo pixo como negrodrama poesia. O texto llansoliano abre a leitura do pixo em outra perspectiva, pronto a receber essa letra marcada pela rejeição de parte dos que com ela convivem, e a ler esse texto perguntando sobre porque não o acolher como escritura.

“Mesmo aceitando que as figuras rejeitadas pela cultura, pela religião e pela política, não o tenham sido, a título definitivo, na medida em que seu texto afirma que persistem em ser recebidas, não se vê por que razão o mundo não as receberia” (Llansol, 2000, p. 208).

Por que razão a cidade insiste em não receber essa escrita de outro modo? E porque, ainda assim, esse drama, que faz poesia, poema e furo, que contém em si, corpo, vida, e a letra sem a relação costumeira com o sentido, com o drama-destino-programação social que é dada à mãe preta e seus filhos? O autor pixador insiste em se fazer presente, em ocupar espaço e a transformar sua programação social, a partir de sua circulação refeita pelo pixo, drama-poesia inscrito em spray preto e fosco nos muros da cidade. O pixo tem relação com o poema, no sentido de ser uma redução que, de algum modo, inscreve um traço, um rastro do sujeito, da sua singularidade.

Insiste o pixo em ser recebido, ainda que não se submeta ao bem-estar, ao imperativo do sentido instantâneo, e ainda assim não renuncie ao lugar de margem, também trazido pela moldura à imagem de uma “negra e uma criança nos braços, solitária na floresta de concreto e aço”, como diz o rap de Edi Rock.

A importância de falar desse tema, dessa forma de ler as questões aqui tratadas, é tomar a educação por outro viés, como efeito de poesia, de furo, como efeito de uma transmissão que não submete, que não pretende colonizar o receptor, e que fala do ponto de vista de quem vive e experimenta, de quem está sob o ataque racista, policialesco, moralista, preconceituoso e violento das forças estatais brasileiras.

Podemos considerar a matéria do jornal Folha de São Paulo, retomando o que Freud aborda sobre o belo no texto “O mal-estar da cultura”; e que Lacan considera sobre o mesmo. Entendemos que

as considerações de Neusa Santos Souza em Tornar-se Negro são importantes de serem retomados aqui, para localizarmos o ideal civilizatório, que é branco e ao qual estão submetidos os braços do Estado brasileiro.

O ponto de onde partimos vem da formação em Psicologia, da prática da psicanálise, da pós-graduação na Faculdade de Letras, em Literatura Brasileira a partir da interlocução entre literatura e psicanálise. Também vem do encontro pessoal com o rap dos Racionais MC's, que também foram tema de pesquisa na Ong Pacto – desenvolvimento social e pesquisa, que desenvolveu uma revista em quadrinhos a partir da pesquisa sobre a vida *loka*, e da experiência de etnografia e pesquisa ação com a pixação de Belo Horizonte no Programa de Pesquisa Cidade e Alteridade, da pós-graduação da Faculdade de Direito da UFMG, que lá pelos anos 2011, até 2018 mais ou menos se dedicou a pesquisa em diversas frentes, para pensar e tentar transmitir as concepções de convivência na cidade, de direito a cidade das alteridades que a compõe, ou seja, a diversidade que tantas vezes o planejamento, o Estado, visam uniformizar e invisibilizar. Pudemos percorrer o contexto do pixo em São Paulo e conhecer estudos referentes ao pixo de Salvador e do Rio de Janeiro.

A participação na orientação de campo e na coordenação da Frente Cultura de Rua possibilitou o contato com o vivo da pixação, seus embrolhos judiciais, os processos que tanto tentavam excluir o pixo, mantendo a criminalização e punição como forma majoritária de relação com essa expressão. Também foi possível compreender o quão redutor é esse modo de lida, ao conhecer o pixo e ao refletir sobre essa expressão.

“Vim pra sabotar seu raciocínio, vim pra abalar seu sistema nervoso e sanguíneo.”: a frase está em outra música dos Racionais, Capítulo IV, versículo III”. Tanto o rap, quanto o pixo, de origens próximas, revolucionam um certo tipo de raciocínio e de modo de expressão. Por mais que sejam considerados agressivos, operam com letra, com ritmo, com poesia. “Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição”. Além disso, não são escritas comumente transmitidas em ambientes educacionais.

No entanto, estamos retomando raps dos Racionais MC's, citados no ENEM de 2023. Mano Brown, principal vocalista do grupo recebeu título de Doutor Honoris Causa em duas universidades brasileiras. Os raps do grupo são importantes exatamente porque denunciam o já entranhado nessa sociedade desigual, racista, de origem escravocrata e colonial. Mano Brown e seus parceiros já são referência para muitos no país, e isso nunca dependeu do reconhecimento acadêmico. O negrodrama é vivido, sentido, e traduzido de tal modo que muitos sejam contemplados nele.

Não é importante para a educação possa abordar a realidade nua e crua, racista e segregatória da sociedade brasileira? Entendemos que é importante, no contexto educacional, abordarmos a criminalização estética da cidade, que passa por uma abordagem racista e cega a especificidades que são importantes para a convivência nas cidades. Sim, existe um juízo pré-estabelecido sobre o que é belo, sobre o que é aceitável.

O que resta ao que não se enquadra nesses critérios? A criminalização, a punição, a segregação. Segregação que já está presente nos muros. Em Belo Horizonte, a Avenida do Contorno faz uma demarcação de quem pode acessar equipamentos de cultura e lazer. O que é feito fora é segregado. Precisamos entender a cidade para transformar sua realidade e incluir mais expressões. Somente assim poderemos vislumbrar caminhos diferentes, e abraçar todas as expressões que surgem, da rua ou da favela, de jovens ou adultos, para entender seu contexto de forma mais ampla, mais além da criminalização, do racismo estético e institucional visto como exemplo nessa situação envolvendo a empena de Robinho Santana.

## 2. O festival CURA

O CURA é um dos maiores festivais de arte pública do país. Foram oito edições até aqui, 26 murais em empenas. Criado em 2017, informa o site do festival<sup>ii</sup> com o primeiro circuito de empenas em BH, além do primeiro mirante de arte urbana do mundo.

A ideia do Festival, que é gratuito e democrático, é transformar o espaço público em um museu aberto e vivo, aproximando arte e público, as pessoas entre si, com obras, com a rua. Um evento cultural, turístico de relevância artística, cultural, histórica que transforma a paisagem urbana.

## 3. A empena Deus é Mãe, por Robinho Santana

A empena pintada por Robinho Santana, artista visual e músico experimental, nascido e criado em Diadema, SP. O trabalho, de acordo com o site “(...) busca a representação plural da mulher e do homem negros periféricos, tornando-os protagonistas em sua arte. O artista se reconhece em sua obra e nela expressa sua relação com a vida e a cultura do seu povo.”

Certamente, o trabalho de Robinho é íntimo (porque traz um pouco da história do artista e sua mãe, Dona Preta, e coletivo, do drama de tantos no Brasil. Seu olhar sensível, sua experiência de vida oferece, no meio do centro da cidade, um recorte da vida do povo preto brasileiro. O nome da tela é ‘Deus é mãe’, de 1882 metros quadrados, feita na empena do Edifício Itamaraty.

Vamos comentar a matéria da Folha de São Paulo de 29 de janeiro de 2021: “Com pichação como moldura, mural é investigado em inquérito policial em BH”<sup>iii</sup> - Obra criada durante o festival CURA é alvo de investigação por suposto crime contra meio ambiente, de Fernanda Canofre. Cabe comentar a grafia de pichação, com ch, que desconsidera a especificidade brasileira da expressão das ruas, pela qual opta o jornal.

A matéria disserta sobre a investigação por suposto crime contra o meio ambiente, fala da inspiração do artista Robinho Santana, notando que a tela “Deus é mãe” é inspirada em foto de família do artista. Sobre a moldura com grafia característica de pichações e frases, que segundo a matéria estão soltas, como a citação “ô mãe, olha como me olham”, tirado de “A música da mãe”, do Djonga.

O inquérito policial que apura crime ambiental, envolve curadoras e organizadoras do festival e o artista que assina a obra. O advogado que representa a equipe do CURA, Felipe Bernardo Soares, apresentou pedido de trancamento do inquérito e alegou atipicidade da conduta das curadoras. Ele afirma:

Tudo que é relativo a essa obra foi feito a partir do exercício da liberdade artística, liberdade de expressão. Nosso entendimento é, assim como o grafite, se alguma coisa que alguém chama de pichação, foi feito com autorização e dentro de um contexto artístico, isso não caracteriza crime.

A defesa, segundo a jornalista, especula a possibilidade de indiciamento da equipe do festival em apologia ao crime, dano ao patrimônio e crime ambiental. A lei de crime ambiental prevê de 3 meses a 1 ano de detenção para quem “pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano.”

O texto do jornal também fala que a colocação do mural, realizado na edição de 2020 do festival, teve autorização do edifício. O texto, entretanto, acrescenta um porém: a obra não foi submetida à autorização prévia. O ex-síndico do prédio é advogado, conta sobre queixas à delegacia especial por conta de episódios envolvendo pichadores. O mural, autorizado em assembleia do condomínio, o

incomoda, ao relatar: “Eu fui surpreendido. Se você me perguntar se eu gostaria que tirasse [o mural], eu te falo que sim. Para mim, não ficou legal. Todo mundo tinha gostado, mas depois que fizeram essa moldura, o pessoal não entendeu, porque já tem uma aversão danada com pichadores.”

Na fala do ex-síndico, identificamos o quanto a moldura, na verdade o pixo, e mais ainda o pichador, causou aversão nele e em outros moradores do edifício Itamaraty. A hostilidade à escrita de rua e ao seu autor, é acrescida do gosto estético e de uma moralidade. É essa grafia que faz com que rejeitem toda a empena, o trabalho do artista se reduz e se destaca a escrita marginalizada. Também há outro aspecto nessa rejeição, que é moral, já que o pixador é considerado criminoso, como se fosse também e sempre envolvido em outros tipos de crimes.

É muito comum que o fato da pixação não ser facilmente lida, traduzida, cause repulsa. Algumas vezes, as pessoas entendem que é uma comunicação entre criminosos. Outras vezes, traduzem a escrita como competição entre pessoas de uma mesma tribo. Por não dizer nada a quem lê, ela é relegada a efeito de uma posição segregada. Esse entendimento estético e moral é marca preponderante da abordagem policial relacionada ao pixo, principalmente no que é visto em Belo Horizonte. Já que de uma lógica muito singular, facilmente a estética é julgada como crime, com objetivos apenas criminosos, considerada totalmente irrelevante e feia.

Freud, no texto do Mal-estar na cultura, afirma que há uma forma de buscar a felicidade gozando da beleza. O gozo da beleza tem um caráter sensível particular, suavemente embriagador. A beleza não tem uma utilidade evidente e sua necessidade cultural não é reconhecível, e, no entanto, a cultura não poderia prescindir dela (Freud, 2010). Lacan dirá que o Belo é último véu diante do real. O feio, o repugnante para o padrão, pode ser lido como o que expõe o fracasso estético e social da cidade, do seu ideal.

Lendo Freud, podemos imaginar o efeito de uma presença insistente e que não atinge padrões estéticos ideais para a cultura. É fácil a contraposição ao que está instituído como belo ser rechaçada. Curiosamente, a polícia em Belo Horizonte se sente capacitada a estabelecer o que é belo e o que é feio, o que cabe na padronização estética da cidade. Não sabemos de nada que tenha dado à polícia esse poder, esse desígnio. Entendemos, então que o ideal civilizatório exclui expressões periféricas, juvenis e pretas. Podemos perguntar até que ponto o ideal civilizatório é branco.

A psicanalista Neusa Santos Souza, em seu livro Tornar-se negro (2021), fala da autoridade estética branca:

É a autoridade da estética branca que define o belo e sua contraparte, o feio, nesta nossa sociedade classista, em que lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos. É ela que afirma: “o negro é o outro do belo”. É essa mesma autoridade que conquista, de negros e brancos, o consenso legitimador dos padrões ideológicos que discriminam uns em detrimento de outros (Souza, 2021, p. 59).

Esse aspecto define as forças de segurança, que se organizam em prol da ordem pública a serem curadoras de arte, definindo também o padrão estético que deve vigorar na cidade. Curiosamente, esse padrão também é racista e pretende limpar a cidade, o que nos faz lembrar de um comentário de Neusa Santos Souza em um certo caso clínico, em que a avó afirma para sua neta: [Minha avó] não gostava de negro. Dizia que crioulo, sobretudo o negro, não prestava: “Se você vir confusão, saiba que é o negro que está fazendo: se você vir um negro correr, é ladrão. Tem que casar com um branco para limpar o útero (Souza, 2021, p. 60).

No relato da paciente que nos traz o texto de Souza, algo semelhante ao critério que parece querer garantir uma certa ordem estética urbana, e que parte do poder público opera: a limpeza do que é preto e periférico, de tudo que se refira ao negro drama, tragédia engendrada pela realidade desigual e racista.

A matéria da Folha segue, e lembra situações em que pixadores foram investigados e presos sem muito detalhe, mas podemos retomar informações colhidas pela pesquisa, vividas em Belo Horizonte como a prisão do Goma após o Maru pixar a Igreja da Pampulha, por suposição de formação de quadrilha. A tipografia pixadora foi punida com o esforço do Ministério Público para que prisões espetaculares, processos exagerados embasassem essas detenções.

Robinho Santana, pintor da tela, fala das mensagens de ódio que recebeu depois da tela na empena, questionamentos sobre a mesma, que exemplificam a aversão das pessoas ao pixo. No entanto, os elogios, as fotos de mães com crianças no colo, são mais numerosos, o que nos faz pensar na identificação de tantos transeuntes com a situação ilustrada pelo artista no mural. Ele comenta:

Se fosse qualquer tipo de letra ou tipografia de outro país, não existiria essa perseguição. Quem faz pichação? São majoritariamente pessoas negras e periféricas. O que fico chateado é que as pessoas desviam esse olhar da importância da representatividade, para criminalizar uma arte. Meu trabalho está ali e a pichação também. Não existe separação.

Nas afirmações do artista, alguns pontos são importantes para nossa discussão. A questão estética referente ao julgamento sobre o pixo, articulada a uma perseguição vivida em Belo Horizonte de tempos em tempos é também racista. O periférico e preto que mais comumente pixa a cidade é um alvo a ser extirpado.

O olhar para a arte, o olhar para o negro drama de tantas famílias brasileiras perde lugar diante do desejo de criminalizar e, conseqüentemente, segregar. Não há separação, como afirma Robinho, do pixo e sua arte, assim como não há separação do mural, e todas essas expressões com o negro drama, nenhuma distância entre elas.

Podemos afirmar, considerando Neusa Santos Souza e Robinho Santana que o tornar-se negro, que é o ponto que a psicanalista afirma como vir a ser, que não é uma condição dada, é um tornar-se, passa também pelo Negro Drama, que reafirma a tragédia brasileira a partir de outro posicionamento:

Periferias, vielas cortiços.  
Você deve tá pensando  
O que você tem a ver com isso?

Desde o início,  
Por ouro e prata,  
Olha quem morre.  
Então veja você quem mata.  
Recebe o mérito a farda que pratica o mal  
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural.

Histórias, registros, escritos  
Não é conto nem fábula

---

Lenda ou mito.

Não foi sempre dito  
Que preto não tem vez,  
Então olha o castelo e não  
Foi você quem fez cuzão.

Eu sou irmão  
dos meus truta de batalha  
Eu era a carne,  
Agora sou a própria navalha.

Tim, tim, um brinde pra mim  
Sou exemplo de vitórias  
Trajetos e glórias

O dinheiro tira um homem da miséria  
Mas não pode arrancar  
De dentro dele a favela

São poucos  
que entram em campo pra vencer  
A alma guarda  
O que a mente tenta esquecer

Olho pra trás,  
Vejo a estrada que eu trilhei,  
Mó cota,  
Quem teve lado a lado,  
E quem só ficou na bota,  
Entre as frases  
Fases e várias etapas,

Do quem é quem,  
Dos mano e das mina fraca  
Rum...!!!

Negro drama de estilo,  
Pra ser,  
E se for,  
Tem que ser,  
Se tremer é milho

Entre o gatilho e a tempestade,

---

Sempre a provar que sou homem e não um covarde,

Que Deus me guarde,  
Pois eu sei que ele não é neutro.  
Vigia os rico  
Mas ama os que vem do gueto

Eu visto preto  
Por dentro e por fora.  
Guerreiro,  
Poeta entre o tempo e a memória (...)

No rap, o sofrimento dá lugar para uma posição de quem luta, de quem se posiciona, não como covarde, mas como homem. O negro drama de estilo não dá tempo para temer e nem tremer, e sair do destino trágico implica em ser guerreiro e poeta. Sair da margem, ou fazer, com ela, assinatura. Percorrer, atravessar a arte, fazer arte e colocar em desordem o olhar que não quer ver o negro drama. Ele está ali, questiona e incomoda.

Pretendemos aqui, também tomar o pixo como uma escrita. Letras, nome, modo de se apresentar, locais, contexto próprio. Os autores que fizeram seus escritos na moldura constroem ou se constituem como autores dentro de um contexto, uma cultura. Como se escreve o negro drama pixo? Retomamos o texto de Maria Gabriella Llansol para, mais uma vez, pensar nesse modo de escrever.

E por que não? Eles não são apenas eles. Admito, no entanto que o mundo permaneça definitivamente fechado.

E se assim for?

Olhe: eu falo-lhe do que a escrita vê. A escrita não se refere apenas aos indivíduos e personalidades rejeitadas. A escrita não pratica a monocultura humana. Nesta fonte particular de ser, todo o ser é possível, ou seja, fulgorizável, embora nem todos sejam necessários. A escrita que eu vejo faz renascer estes e não outros, sem que eu saiba porquê. Se aparecerem outros escritores, aparecerão, de certeza, outras fontes de nascimento, outras figuras. É bem provável que se altere a necessidade. Seja como for, eu não invento a escrita, como eles também não a inventarão. Eu re-nasço dela e, escrevendo, re-sisto, re-existo, na minha forma singular de existência. Eu constato que sou assim, que me quero separar do facto de ser um ser por vir, e que empresto a minha voz a esta espécie (que é, no fundo, a minha) de vindouros por mansa insistência. Há muito que estamos nascendo (Llansol, 2010, p.210).

O pixo, escrita, não tem relação com a monocultura. O nomeamos como negrodramapoesia por ter a ver, precisamente, com a possibilidade de existência da singularidade, do traço do sujeito. Nas culturas que se fazem nas ruas, o que se escreve é uma re-existência, outras fontes e formas de nascimento e de vida. Llansol escreve e aproxima vagabundos de poetas, seres errantes, que vivem em harmonia:

No entanto são os poetas (e não as fadas boas ou más, ou a perícia dos construtores e formadores), intimamente relacionados com as árvores e demais habitantes das florestas, que transmutam a ilusão e o delírio dos vagabundos, seus companheiros de errância, em harmonia. (...) E eu pergunto-vos: Haverá alguém que, por sua livre vontade, queira ser vagabundo? Por que se lhes exige o preço – e um preço tão elevado –, pela sua errância? Por que são tão implacáveis com o novo? Por que são tão opacos

---

com o trabalho do poeta? Por que querem submeter a visão à razão? (Llansol, 2010, p.47).

#### 4. Conclusão

O que caracteriza a tentativa de criminalização do trabalho artístico de Robinho Santana, no Festival Cura de 2021, é a cor de quem faz, é o seu lugar social. É o tamanho e a audácia de sua livre presença, numa peça artística que escancara o negro drama de uma mãe preta, e a poesia da rua, sua estética que emoldura o quadro, e que tanto sentido tem de estar ali, já que todos são negrodrama, negrodramapoesia, ambos vêm e transitam pelos mesmos lugares e margens.

Como se atrevem a se colocar ali, no centro da cidade, no festival de arte? Como um artista pôde respaldar a presença de uma cultura de rua, uma cultura singular e essencialmente periférica, preta e afirmar que ela é arte? Voltamos a uma discussão já vista em Belo Horizonte, cidade onde a polícia diz o que é e o que não é arte. Como e por que foi dado a instituição racista que é a polícia militar esse aval de curadora de arte? Quais vozes ela representa?

É importante que a escola possa também permitir questionamentos sobre a estética que se impõe à cidade, pois isso toca autores, pedagogias, culturas e reproduz o ideal civilizatório e racista. Na reinvenção de destinos, na singularidade do negrodramapoesia existe mais que o que o ideal civilizatório branco visa definir. E nem sempre, o gesto do poder público sabe dizer sobre o que o sujeito produz para fazer de seu drama, da programação imposta pela realidade desigual, negrodramapoesia, fonte particular de ser.

#### Referências

- FOLHA DE SÃO PAULO. Com pichação como moldura mural é investigado em inquérito policial em BH. Folha de S. Paulo, São Paulo, 11 jan. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/01/com-pichacao-como-moldura-mural-e-investigado-em-inquerito-policial-em-bh.shtml>. Acesso em:
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Onde vais, drama-poesia?* Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2000.
- RACIONAIS MC's. "Negro Drama". In: RACIONAIS MC's. *Nada como um dia após outro dia*. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. Disco sonoro.
- RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se Negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

---

**Contribuição dos autores:** O autor é responsável por todo artigo.

**Conflito de interesse:** O autor declara que não há conflitos de interesse.

---

**Declaração ética:** O estudo foi conduzido em conformidade com princípios éticos, não sendo necessária a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), por tratar-se de investigação que não envolveu interação direta ou coleta de dados junto a seres humanos.

**Financiamento:** Não consta.

**Agradecimentos:** Não consta.

---

## Notas

---

<sup>i</sup> A grafia “pixo” tem forma e conteúdo definidos. O pixo é diferente do picho, que geralmente é legível, e traz mensagens, ou frases, ou nomes legíveis. O pixo, que para nós é uma escrita de rua essencialmente brasileira, tem a ver com nomes de rua, com letras que se diferenciam de acordo com a região do país. Geralmente, ilegível, mal-vista pelo poder público, e feita em fachadas, em marquises.

<sup>ii</sup> Mais informações disponíveis em: <https://cura.art/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

<sup>iii</sup> Embora a redação do jornal tenha optado por escrever pichações com ch, seguiremos escrevendo como fizemos após a pesquisa, também seguindo a escrita das ruas, pixo com x.